

Crônica de Futebol: um subgênero

Maria Ivoneti B. Ramadan*

**Mestrado em Língua
Portuguesa - PUC - São
Paulo*

Da Introdução

Introduzido no Brasil em 1894, o futebol aqui se enraizou e já não se pode mais negar a sua influência na formação da mentalidade e no comportamento do homem brasileiro.

Elitista, no início, massificado e profissionalizado num outro momento e, agora, empresariado, é visto pelos estudiosos ou como uma arte ritualizada que propicia à massa a experiência da igualdade e da justiça social, ou como um espaço só aparentemente democrático, pois mascara o desnivelamento das relações sociais, econômicas e políticas de nossa sociedade que, pelo futebol, fala, revela-se e desvenda-se.

Dentro desse panorama, há que se entender que essa modalidade esportiva seja constante em todas as esferas da arte, na mídia eletrônica e sobretudo na pena de nossos cronistas especializados no assunto.

No entanto embora superiormente representativo para a cultura do país, só agora é que está a suscitar da parte dos pesquisadores uma análise mais criteriosa de suas especificidades.

Se como fenômeno antropológico e social ainda carece de estudos mais científicos, quantas lacunas não se registram nas várias linguagens que a ele se referem, sejam as da mídia falada sejam as da escrita.

Dentre os cronistas que escrevem sobre futebol, escolhemos Armando Nogueira, observador arguto que tudo vê

e que tem tratado o assunto com um viés lírico, que o leva, não raras vezes, a transgredir a transparência do real.

Tendo como objeto os textos de Nogueira, este trabalho pretende demonstrar que a crônica de futebol se constitui num subgênero híbrido entre o jornalístico e o literário. O que nos leva, em função do que propomos, a traçar um painel da crônica no Brasil e, em seguida, as marcas do discurso literário e jornalístico.

Do gênero crônica

Poderíamos afirmar que, como gênero, a crônica não é maior nem menor: trata-se de uma forma especial, polimórfica e talvez, por isso, fragmentária.

A palavra crônica nos remete a várias acepções. Designou, inicialmente, lista ou relação de acontecimentos ordenados, segundo a transição do tempo, para, depois do século XII, representar o início da historiografia moderna. Originária do grego *chronikós*, recebida pelo latim *chronica(m)*, significa tempo e foi primordialmente o registro dos fatos passados e, nos dias atuais, é o enfoque dos acontecimentos do dia-a-dia. Pela própria etimologia, pois, é um gênero adstrito ao tempo, de onde extrai sua matéria principal. Se em seus primórdios, como crônica histórica, ela pretendeu ser o registro objetivo dos fatos em sua ordenação cronológica, na virada do século XIX para o século XX, incorpora uma qualidade moderna: a subjetividade do narrador. Mas num e noutro caso, a crônica manterá sempre uma relação profunda com o tempo vivido, sendo, pois, uma escrita do tempo.

Situada numa área fronteira entre a literatura e o jornalismo, a crônica oscila entre o relato imparcial e objetivo dos fatos e a recriação do cotidiano por meio dos símbolos e da fantasia.

Abastecendo-se do registro do "fait-divers" desse cotidiano é, como toda matéria jornalística, perecível. Em contrapartida, busca um rótulo de permanência e de autonomia. Daí seu caráter transitório - advindo do "ar noticioso" que a envolve - e definitivo - marcado pela transfiguração da matéria jornalística, consumível, em matéria literária.

Difere, no entanto, da matéria substancialmente jornalística, já que não visa à mera informação: busca a transcendência do dia-a-dia, pela universalização de suas "virtuiedades" latentes. Daí, o cronista pretender-se não só o repórter, mas o poeta do cotidiano, transformando a crônica num "campo estruturado de tensões simbólicas e imaginárias, históricas e estéticas". (Antelo: 155)

Constituindo-se num gênero heterogêneo e flexível, a crônica usa e abusa da variedade dos pequenos gêneros: diálogos do cotidiano, retratos, tipo, confissões, descrições líricas, satíricas e paródias.

Entre suas características, de acordo com Massaud Moisés, estão a brevidade - é um texto curto, no entanto, sem extensão demarcada - a subjetividade - em que o "eu" está presente de forma direta ou na transmissão do acontecimento, segundo a visão pessoal do cronista - e a monodialogação, em que o monólogo é uma auto-reflexão e o diálogo uma projeção para um leitor implícito. O cronista, de olho no mundo circundante, convida o leitor para um exercício de sensibilidade e de comunhão.

Poderia dizer-se que a crônica é um gênero brasileiro pela naturalidade com que aqui se acimatou. De fato, entre nós, foi cultivada de tal forma que atingiu dimensões estéticas significativas, a ponto de constituir-se num gênero literário, próximo de certas modalidades da épica e da lírica.

Antes de ser crônica, foi "folhetim", ou seja, artigo de rodapé sobre questões do dia, políticas, sociais, artísticas e literárias.

O cronista, de olho no mundo circundante, convida o leitor para um exercício de sensibilidade e de comunhão.

A crônica manterá sempre uma relação profunda com o tempo vivido, sendo, pois, uma escrita do tempo.

Foi o livreiro francês Pierre Plancher, que, ao fundar em 1827 o **Jornal do Comércio**, detona a atividade folhetinesca no Brasil, como consequência do surgimento da grande imprensa, integrada ao jornal, transforma-se em gênero jornalístico. Francisco Otaviano foi o primeiro a cultivar o folhetim com leveza e variedade de assunto. É ele que convida José de Alencar para substituí-lo no **Jornal do Comércio**, quando se transfere para o **Correio Mercantil**.

Alencar logo captou o espírito do folhetim ao escrever que o cronista é “uma espécie de colibri a esvoaçar em zigzague, e a sugar, como o mel das flores, a graça, o sal e o espírito que deve necessariamente descobrir no fato o mais comezinho”. (Faria: 75)

Machado de Assis trabalha assiduamente o material folhetinesco. Suas crônicas de **A Semana e Histórias de quinze dias** voltam-se para as miudezas do cotidiano, o quadro de costumes, o ridículo e o poético de cada dia. Linguagem e estruturas narrativas são experimentadas e, sobre elas, o cronista Machado constrói uma autêntica poética do gênero.

Olavo Bilac substitui Machado em 1897 na redação das crônicas do *Jornal Gazeta de Notícias*. A crônica bilaquiana toma outros caminhos, constitui-se numa espécie de arma de combate, de transformação material e espiritual da realidade brasileira. Bilac prega abertamente a modernização do país: a negação da cultura ágrafa, a defesa da educação cívica como instrumento civilizatório, a crítica contundente aos que não aceitavam a vacinação obrigatória são temas de suas crônicas.

Na mesma **Gazeta de Notícias**, a crônica vai sofrer uma profunda transformação na pena de Paulo Barreto ou João do Rio. Este pretendia fazer história social através de suas crônicas. Escreve sobre as práticas religiosas de origem africana, os tipos populares, os dândis e a modernização da cidade, empolgando-se pelo cinema e pelo automóvel. O

cronista vai registrando impressionisticamente as mudanças nos hábitos, nos costumes e nas idéias da nova cidade do Rio de Janeiro.

Com o modernismo, Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Alcântara Machado, Drummond fazem da crônica um campo de experimentação de uma linguagem mais flexível e livre, com a incorporação da fala coloquial brasileira.

Nos anos 30, de acordo com a tendência vigente, a crônica se converte num meio de mapear e descobrir um país heterogêneo e complexo, consolidando-se como um gênero tipicamente nacional.

Provinciana e moderna, a crônica modernista revela uma tensão contínua entre tempos diversos e espaços heterogêneos, fruto da aceleração do processo de industrialização.

Mas é com Ruben Braga que a crônica toca os requintes da artesanaria verbal. Herdeiro de Manuel Bandeira e João do Rio, Braga é o nosso cronista, por excelência. Seus textos são transfigurados da realidade por meio de um eu lírico que vê o mundo contemplativamente sob a ótica de sua própria experiência individual. Expressando a defesa dos humilhados e ofendidos, defende a solidariedade como o valor básico da vida humana e o cotidiano é a fonte inesgotável do poético.

Merecem transcrição as anotações de David Arrigucci Jr. sobre o cronista:

“... Mas é quando o assunto se torna tênue, se esgarça ou falta inteiramente, que Braga mostra sua garra de cronista... Nesses casos, a circunstância corriqueira e efêmera de que o cronista se serve, como gancho fica reduzida ao mínimo possível, e a crônica parece que se enrola em si mesma e se volta, voando como bolha de sabão, esfera leve e translúcida...” (1987:47)

Com Stanislaw Ponte Preta, a crônica abre-se para o humor desabrido e, não raro, cáustico. Criador de tipos consagrados - Primo Altamirando, tia Zulmira, Rosamundo -

Nos anos 30, de acordo com a tendência vigente, a crônica se converte num meio de mapear e descobrir um país heterogêneo e complexo, consolidando-se como um gênero tipicamente nacional.

Linguagem e estruturas narrativas são experimentadas e, sobre elas, o cronista Machado constrói uma autêntica poética do gênero.

torna-se o fecundo cronista do seu tempo, criticando com humor e força os desacertos da vida nacional.

Dentro da linha evolutiva traçada para a crônica como gênero tipicamente brasileiro, presencia-se, nas décadas de 60 e 70, o surgimento de uma geração de cronistas que, ao lado de Ruben Braga, imprimem alta qualidade literária aos textos: Paulo Mendes Campos, Nelson Rodrigues, Cecília Meireles, Otto Lara Rezende, Fernando Sabino e Clarice Lispector.

No entanto, essa fase áurea cede lugar a um certo esmorecimento da atividade cronística, dando ensejo a que inúmeros críticos literários lhe previssem a morte.

Otto Lara Rezende, em março de 1992, em sua crônica da Folha de São Paulo, ironiza: "A defunta, como vai?" (Sato: 67)

Essas previsões pessimistas caem por terra se se proceder a um exame dos nossos jornais e revistas de grande circulação. Em quase todos, há um espaço cada vez maior destinado à voz dos cronistas. E pode-se afirmar que a crônica revitalizou-se de tal forma que, hoje, encontra-se em grau de especialização. Assim se explica a crônica humorística de Jô Soares e de Luís Fernando Veríssimo, publicadas em jornais e revistas da atualidade, a crônica policial de Percival de Souza e a futebolística de Armando Nogueira, que escreve semanalmente no jornal O Estado de São Paulo.

O panorama acima exposto, em consonância com a crítica em geral, insere a crônica entre o jornalístico e o literário; em função disso, segue-se a descrição desses tipos de discurso.

Do discurso literário

Derivado de um sistema semiótico primário - a língua - o texto literário, como sistema semiótico secundário, potencia

as virtualidades do primeiro, por meio de mecanismos de semiose literária atualizados pelo autor e pelo leitor.

Reportando-nos a Aguiar e Silva, o texto literário constitui uma unidade semântica, "dotada de uma certa intencionalidade pragmática, que um emissor/autor realiza através de um ato de enunciação, regulado pelas normas e convenções do sistema semiótico literário..." (Aguiar e Silva: 1968: 574).

O texto literário realiza-se tanto em prosa como em poesia. O que se permitiria apontar duas manifestações literárias distintas, cada qual com suas especialidades. Trata-se de duas linguagens diferenciadas, mas não excludentes: há prosas declaradas poéticas e poemas que se fazem em prosa.

Considerando-se a definição acima, pela qual um texto literário se realiza por um ato de enunciação, e os dois extratos de conformação desse texto, o fônico lingüístico (significante) e o da significação (significado), arrolaremos, sem demarcações rígidas, os traços peculiares do discurso literário que se prestarão como referencial para a análise das crônicas.

Do ponto de vista da enunciação

1. Subjetividade

Através da enunciação, que constitui uma realização individual, um locutor/autor apropria-se do aparelho formal da língua e, munido de uma intencionalidade pragmática, dirige-se a um alocutor para efetuar a recriação artística, reveladora da realidade. Recriação que se estetiza por meio de múltiplos expedientes lingüísticos engendrados pelo criador.

A "montagem" dessa esteticidade formaliza-se por conta de um estilo individual. O criador escolhe os meios, que, colocados a serviço da criação artística, possam garantir a expressividade do texto literário e ao mesmo tempo revelar sua visão diante do real circundante.

O criador escolhe os meios, que, colocados a serviço da criação artística, possam garantir a expressividade do texto literário e ao mesmo tempo revelar sua visão diante do real circundante.

Assim se explica a crônica humorística de Jô Soares e de Luís Fernando Veríssimo, publicadas em jornais e revistas da atualidade

Livre e impregnado de uma contemplação original do mundo, o autor busca ultrapassar as contingências de sua individualidade em direção à totalidade do ser humano.

O texto literário, estribado na subjetividade de seu autor, transcende-a na medida em que este, ao captar as visões do mundo, desloca-se para o outro, o leitor, num encontro de cumplicidade.

Do ponto de vista do significante

1. Exploração do significante

Os recursos expressivos atribuídos ao significante conferem ao discurso literário uma intencionalidade estética.

Na conexão significante/significado em que o significante é imagem acústica, significado é plano conceitual, a ênfase recai sobre o significante, sobre os aspectos fônicos do signo, traduzindo-se em recursos como a aliteração, a rima, o ritmo, o metro. Tais componentes do significante constituem-se em qualidades fônicas dos signo, passíveis de existirem tanto em prosa como em verso, mas inegavelmente em ambos, atributos estilísticos do texto literário.

Do ponto de vista do significado

1. Conotação e plurissignificação

O texto literário caracteriza-se pelo fato de pertencer a uma linguagem de conotação opondo-se a uma linguagem denotativa.

"Por denotação de uma palavra, entende-se o núcleo intelectual do seu significado; por conotação, os valores significativos de ordem emotiva, volitiva, social que, como um halo circundam e penetram aquele núcleo. Este halo significativo pode ser estritamente subjectivo..." (Aguar e Silva: 1968: 655)

É do arranjo especial que se faz das palavras, em determinados contextos, que se extrai o sentido múltiplo que neles se concentra.

Como marca fundamental do texto literário, a plurissignificação, que pode associar-se ao âmbito sócio-cultural, permite que se empreendam do texto literário, várias leituras. Procede daí o caráter polissêmico de muitas obras literárias.

As construções metafóricas da linguagem encampam a dimensão plurissignificativa do signo lingüístico e, na literatura, alcançam um campo ilimitado de matizes semânticos.

2. Intertextualidade

Todo texto - literário ou não - pressupõe relações dialógicas com outros textos, sendo, pois, um intercâmbio discursivo, uma realização polifônica.

Um discurso literário envolve um diálogo, um cruzamento textual que se dá em nível horizontal - a palavra no texto é comum, ao mesmo tempo, ao escritor e ao destinatário - e em nível vertical - em que o texto se dirige a uma matriz literária, anterior ou contemporânea.

É a esse intercâmbio entre textos que se dá o nome de intertextualidade, expressão cunhada por Julia Kristeva. Quando a intertextualidade funciona como um meio de contestar a tradição literária, pode tornar-se pejorativa, assumindo a forma de paródia cujos ingredientes básicos se traduzem no humor, na sátira, na ironia, enfim, na fragmentação deliberada do texto.

Do discurso jornalístico

A questão da crônica como texto de jornal remete-nos a priori para as relações entre jornalismo e literatura, ambos meios de comunicação verbal. Em suas clássicas lições, extraídas de **O Jornalismo como Gênero Literário**, Alceu Amoroso Lima classifica o jornalismo como um

A questão da crônica como texto de jornal remete-nos a priori para as relações entre jornalismo e literatura, ambos meios de comunicação verbal.

O texto literário, estribado na subjetividade de seu autor, transcende-a na medida em que este, ao captar as visões do mundo, desloca-se para o outro, o leitor, num encontro de cumplicidade.

gênero literário em prosa de apreciação dos acontecimentos. Ressalta o autor que na apreciação dos acontecimentos, algumas marcas distinguem o jornalismo como gênero: a **informação** que obriga o jornalista a inserir-se no fluxo vital dos acontecimentos, colocando-se como formador da Opinião Pública; a **atividade** - o jornalista é um homem do seu tempo, pois registra o momento para eternizá-lo; a **objetividade**, isto é, a preocupação com a exatidão, com a verdade, com o objeto e o **estilo**, um **modo de ser** do jornalista - profissional da palavra, detentor de seu próprio estilo. Em resumo, Alceu Amoroso Lima levanta quatro critérios que especificam o jornalismo como gênero literário: é uma arte verbal em prosa, uma prosa de apreciação, uma apreciação do acontecimento.

Alberto Dines, questionando o papel dos jornais e seu relacionamento com a sociedade, aponta três características fundamentais deste veículo:

- a) a personalização da informação: quanto mais massificadas as sociedades, mais o ser humano procurará formas "exclusivas" de informação, permitindo que o jornal atenda a cada leitor que o manuseia.
- b) o ponto "ótimo" da periodicidade. O ritmo diário é o único capaz de resistir ao desgaste do tempo, conservando concomitantemente o ingrediente da curiosidade. O ritmo do jornal sintetizou-se com a sucessão dos dias que hoje um faz parte do outro.
- c) amplitude. Em face dos outros meios de comunicação o jornal é amplo e universal. A leitura da primeira página ou a concentração mais atenta das páginas seguintes são escolhas que cada um pode fazer. O leitor governa a leitura do seu jornal, ele não está à sua mercê. Mas a amplitude que tem dos acontecimentos é a mesma.

No que se refere à linguagem jornalística, Nilson Lage afirma ser esta notadamente referencial, isto é, fala de algo

no mundo, exterior ao emissor e ao processo de comunicação em si. Isto **impõe o uso quase obrigatório da terceira pessoa**.

O domínio de referencialidade permite diferenciar a linguagem jornalística das outras linguagens. No texto jornalístico, as proposições principais dão conta de transformações, deslocamentos ou enunciados (a notícia), ou se formulam a partir de acontecimentos (a reportagem interpretativa, o artigo).

A situação corrente em jornalismo é a de um emissor falando a - um grande número de receptores - conjunto disperso e não identificado. Por isso, adjetivos testemunhais e aferições subjetivas devem ser eliminados. A norma é substituir tais expressões por dados que permitam ao leitor ou ouvinte fazer sua própria avaliação, justificando-se assim a busca de enunciados mais referenciais, concretos e objetivos no trabalho da apuração dos fatos e das notícias.

Mais e mais, por influência do imediatismo e da necessidade de consumo cada vez mais intensificada, a linguagem jornalística passa a ser uma língua veicular: isto é, a comunicação para todos os níveis sócio-culturais, calcada na tradição da língua escrita não-literária e na oralidade em seu nível culto não requintado.

A crônica tipifica esse modelo de linguagem jornalística, comprovado pelas palavras de David Arrigucci Jr., a respeito de Ruben Braga e que se aplicam à crônica em geral: "uma prosa cheia de achados de linguagem... um vocabulário escolhido a dedo para o lugar exato... uma sintaxe, enfim, leve e flexível ... propiciando um ritmo de uma soltura sem par na literatura brasileira contemporânea". (1987:6)

Cronistas em ação, no momento atual, apontam para os laços cada vez mais estreitos entre jornalismo e literatura e nessa sintonia, a crônica torna-se o exemplo mais bem sucedido entre o jornal e a literatura, com evidentes benefícios para os dois campos.

Cronistas em ação, no momento atual, apontam para os laços cada vez mais estreitos entre jornalismo e literatura e nessa sintonia, a crônica torna-se o exemplo mais bem sucedido entre o jornal e a literatura, com evidentes benefícios para os dois campos.

A leitura da primeira página ou a concentração mais atenta das páginas seguintes são escolhas que cada um pode fazer.

Trata-se de tipos de produção cultural distintos, que não se confundem mas que se aproximam, o que aconteceu de modo eficaz, com o desenvolvimento da mídia na contemporaneidade. Sobre isso, são pertinentes as palavras de Haroldo de Campos: "...Com o nascimento da grande indústria, na segunda metade do século XIX, (o hibridismo dos gêneros) passa a se confundir também com o hibridismo dos **media**, e a se alimentar dele. A emergência da grande imprensa desempenha um papel fundamental nos rumos da literatura. A linguagem descontínua e alternativa, característica da conversação, vai encontrar na simultaneidade e no fragmentarismo do jornal seu desaguadouro natural". (1977:15)

Da análise das crônicas

Estetizando o futebol com graça e leveza, Armando Nogueira notabiliza-se pela criação de uma linguagem impregnada de ritmo e de musicalidade. Se a crônica, no Brasil, consolidou-se como gênero, com certeza. Nogueira, pela metáfora e pelo poético, alinha-se entre aqueles cronistas sensíveis que transformam o efêmero em permanente, a emoção em expressividade artística.

O objeto da nossa pesquisa foi-se produzindo ao longo de um processo que, intuitivo num primeiro momento, tornou-se pouco a pouco mais científico, na medida em que sobre ele incidia nosso senso de observação. Assistemático, de início, nosso olhar correu o risco de emaranhar-se nos contornos do objeto feitos fantasia, decorrente (quem sabe!) de um pacto velado entre o cronista e a palavra.

E assim é que fomos constatando, numa crônica aqui e outra ali, imagens insólitas, metalinguagens, intertextualidades, verdadeiras poesias, não só pela disposição gráfica

das palavras como também pela organização estético lexical além de textos - ode - em tom de oração.

Impossível não admitir que estávamos diante de um poeta, Armando Nogueira, tido e havido, entre os seus pares, como o "poeta do futebol".

Essa primeira amostragem serviu-nos como pista para procedermos a um recorte do corpus, agora mais criterioso e científico.

Como o que distingue nosso autor, dentre os outros cronistas que escrevem sobre futebol, é exatamente essa aura poética com que impregna os seus textos, resolvemos selecionar dentre as crônicas de seus livros **Drama e Glória do Bicampeão** (1962 em co-autoria com Araújo Neto), na **Grande Área** (1966), **O Homem e a Bola** (1986), **Bola de Cristal** (1987), **Vôo das Gazelas** (1991) e as crônicas publicadas no jornal O Estado de São Paulo aquelas que contemplam os aspectos mencionados anteriormente.

Nos textos dominicais do jornal a cujas leituras procedemos desde meados de 95 registramos a oscilação entre o uso da primeira e da terceira pessoa, nos dos livros há o predomínio quase que maciço do emprego do foco narrativo em primeira pessoa.

Em números aproximativos, o emprego da primeira pessoa no **Bola de Cristal** é de 70%, no **Vôo das Gazelas** é de 90%, no **O Homem e a Bola** é de 65%, na **Grande Área**, em torno de 80% e em **Drama e Glória de Campeões** registra-se um equilíbrio entre a primeira e a terceira pessoa. Constatação que nos permite observar a presença inequívoca de uma subjetividade lúcida, consciente, traduzida numa reverência pelo poder encantatório da palavra.

A análise que se segue terá como parâmetro as características do discurso jornalístico e do literário.

Impossível não admitir que estávamos diante de um poeta, Armando Nogueira, tido e havido, entre os seus pares, como o "poeta do futebol".

Estetizando o futebol com graça e leveza, Armando Nogueira notabiliza-se pela criação de uma linguagem impregnada de ritmo e de musicalidade.

A - Quanto ao literário: com base no significado.

1. Conotação via metáfora

Na crônica "A Alma Esférica do Carioca", na metáfora "alma esférica" constata-se um desvio semântico.

A criação do autor desestrutura o código, operando-se um desvio, ao se conceber a alma como uma esfera. A redução do desvio manifesta-se quando se transfere para o termo "alma", a propriedade de circularidade da esfera. E "alma esférica" pode ser entendida como alma que se produz movimentos/sentimentos circulares, contínuos. Uma alma que passa por ciclos transformativos, capaz de sair da tristeza do fim do carnaval e entrar na alegria que o futebol proporciona.

Na metáfora "alma esférica", vislumbram-se conotações extralingüísticas, plurissignificativas, entendidas à luz de um universo sócio-cultural: "alma esférica" que se eterniza na "gente alegre de nosso país". A esfericidade da alma brasileira dentro de uma concepção, poder-se-ia dizer antropológico-psicológica.

Na ordem do lingüístico está a ordem da experiência sensível, mediada pela metáfora-símbolo, a reescrever poeticamente a realidade.

2. A paródia: um mecanismo intertextual

Em "Meu Tendão" (O Vôo das Gazelas p. 87), dedicado à Lídio Toledo, médico da seleção brasileira, nosso autor, num procedimento intertextual, empreende uma réplica com versos conhecidos de Castro Alves. A aproximação com o texto original redundava num desvio que lhe subverte o sentido.

Opera-se um deslocamento semântico de efeito quase que deformador do texto-base com o qual dialoga, configurando-se uma intertextualidade de diferenças de sentido.

Só não se pode dizer que a construção parodística deforma por completo o poema do poeta condoreiro, pois

deste, mantém-se uma coincidência rítmica e métrica, o que constatamos, reportando-nos a ele:

*"Auriverde pendão de minha terra
Que a brisa do Brasil beija e balança
Estandarte que a luz do sol encerra
E as promessas divinas da esperança"...*
(Os Escravos, p. 188)

Não se trata, portanto, de uma irreverência deliberada para com os versos do poeta romântico, mas simplesmente uma tentativa de ironizar, humoristicamente, um acontecimento banal: um tendão inflamado.

B - Com base no significante

1. O sentido do significante

Nosso cronista é um poeta, dissemos, e sua poesia consiste no estabelecimento de uma imagística em que as palavras-imagens, se articulam compondo um ritmo em que os acentos, as pausas, as modulações rítmico-melódicas criam uma unidade métrica que se estende por todo o texto. É o que constata em "O Amigo dos Ventos" (O Vôo das Gazelas), em que as aliterações arranjam-se no fluxo e refluxo da frase, em paralelismo similitudoso:

*"Viveu como um pássaro, voando, sem medos,
entre o céu e a terra;
Viveu como a nuvem, passando, sem pressa,
entre o céu e a terra;
Viveu como o Arco-Íris, colorindo cristais de
chuva, entre o céu e a terra"...*

Por conta da subjetividade do autor, à modulação rítmica agrega-se a escolha lexical, que evocada, ganha sentido em fase da sucessão de imagens que se processa no âmago do

A esfericidade da alma brasileira dentro de uma concepção, poder-se-ia dizer antropológico-psicológica.

Não se trata, portanto, de uma irreverência deliberada para com os versos do poeta romântico, mas simplesmente uma tentativa de ironizar.

"Já imaginaste, caro leitor, o gol de placa convertido em cores?"

"... Enfim, caro leitor, o melhor é não se precipitar porque de uma boa musa tudo se pode esperar."

(O Vôo das Gazelas, p. 40)

B - Quanto ao jornalístico

a - Fato e ficção: o jornalístico no literário, o literário no jornalístico

A crônica é um gênero fronteiriço entre o jornalismo e a literatura. O cronista informa sobre os fatos presentes dos quais é testemunha: a rua, os homens, a política, os pequenos incidentes, as alegrias, as comemorações, as futilidades, tudo lhe serve, ávido que é pela atualidade. O espaço sempre aberto da crônica delibera ao escritor que se transforme num sentinela da vida: vida que se faz nos registros oficiais da História:

"...Está tudo muito bagunçado no futebol brasileiro.

...começou com a politicagem. A ditadura militar piorou o Brasil em tudo, até no futebol."

(Bola de Cristal, p.62)

A crônica é um gênero fronteiriço entre o jornalismo e a literatura.

Ou a que acontece no instante brevíssimo de um lance de bola, como o descrito por Nogueira em **Drama e glória dos bicampeões**. Num jogo entre Brasil e Checoslováquia, a bola está quase estacionada nos pés de Pelé que sente uma fisgada na virilha. O jogador Masopust aproxima-se e poderia tranquilamente ganhar a posse da bola, mas não o faz, por perceber a situação de Pelé que, também, num lance singelo, tocou a bola para fora. E o cronista conta:

"...Masopust levou Pelé até a boca do túnel que se abre no fundo do campo de Sausalito como uma

imensa cruz de pedra deitada no chão. Foram os trinta segundos mais edificantes jamais vividos pela criatura humana num campo de futebol.

(Drama e glória dos Campeões, p. 39)

Ressalta-se, assim, o valor sociológico da crônica como painel de uma época, com seus aspectos culturais e ideológicos à disposição do leitor. O cronista, ao construir a história e colocá-la ao conhecimento de seu público, examina-a pelo ângulo subjetivo da interpretação, da recriação do real. Redimensiona os acontecimentos, ficcionaliza-os, faz literatura. Carlos Reis, ao tratar dos registros oscilantes e difusos entre fato e ficção transcreve em nota de rodapé, as observações de G. Genette:

“Em larga medida, a narrativa de ficção heterodiegética é uma mimesis de formas factuais como a história, a crônica, a reportagem.” (Reis: 1995: 17)

Ressalta-se, assim, o valor sociológico da crônica como painel de uma época, com seus aspectos culturais e ideológicos à disposição do leitor.

A transição entre o real e o ficcional torna-se pertinente na configuração formal do gênero crônica. Presencia-se uma interação de elementos diversos na medida que a crônica, essencialmente, narrativa, incorpora elementos do modo lírico.

É quando o cronista utiliza-se de procedimentos expressivos como as imagens, o ritmo, a sintaxe poética.

O texto “Saudade Concisa” exemplifica os componentes lírico-poéticos com que a crônica de futebol se deixa contaminar:

“A bola corre pelos meus campos de menino....Me lembro de ti, colegial, esquiva...Vivias me aprontando desencontros: tu, arisca, ias pra um canto e eu, iludido, acabava no outro.”

(O Homem e a Bola, p. 61)

b. A objetividade: critério para o verdadeiro

O cronista faz o registro do tempo presente do qual é testemunha.

Cabe a ele captá-lo com exatidão, com ética.

No exercício de uma “profissão de fé”, a apreciação dos fatos aciona o olhar fotográfico do cronista, que quer ver apenas o que vê: retrato sem retoques. A consciência profissional impõe essa postura: a edificação da verdade feita palavra solidificando o elo leitor/autor. Confira-se:

“A chuva é a graça de Deus! dizia o árbitro Pereira da Silva, que oficiava a cerimônia, contemplando as águas superiores, com um ar fluvial. Em volta dele, os jogadores, um de cada vez, faziam suas reverências mandando aos céus como oferenda, a bola do jogo”. (O Estado de S. Paulo, 02/05/95)

c. A personalização da mensagem

Uma das funções da crônica, publicada em jornal ou não, é, além da informação, alertar o leitor, despertar-lhe a sensibilidade, em relação aos acontecimentos.

O cronista, pelas vias de sua subjetividade, filtra o real, o breve instante, aparentemente corriqueiro, mas que pode ocultar a complexidade da condição humana.

Também como ele, o leitor necessita de “ver” o invisível, dizer o indizível, transsubstanciados em realidade. A experiência pessoal do cronista serve como referencial para uma verdade que não é só dele. Consciente de sua posição, desencadeia um lirismo que transforma o ato de escrever num ato de humanizar.

No texto “O menino e o Anjo”, pelo recorte subjetivo, pelo mítico das imagens, pela prosa que se faz poesia, a crônica pode conduzir à compensação catártica.

“Em volta dele, os jogadores, um de cada vez, faziam suas reverências mandando aos céus como oferenda, a bola do jogo.” (O Estado de S. Paulo, 02/05/95)

O MENINO E O ANJO

*Os meninos se atropelam
na correria da pelada matinal.
Um pássaro esguio desce suavemente
no meio do campo.
É um anjo bem mandado
que traz escondido nas asas
de seu pouso generoso
todas os encantos do futebol.*

*No vaivém da bola, os meninos nem percebem
que há um anjo bem ali pertinho deles.*

De repente um escurinho pára e chama o pássaro:

- Vem, entra aqui. Vem jogar com a gente.

*O anjo sorri, manda o menino fechar os olhos
e, com as mãos de Deus, vai-lhe entregando
uma a uma, todas as graças
do futebol.*

*Entrega o segredo dos dribles travessos, o segredo
dos passes de mágica, dos chutes certos
e, mais que tudo, o milagre do equilíbrio
com que o corpo triunfa sobre a vertigem do jogo.*

.....

*Bem-vindo o anjo que escolheu
para ensinar aos homens que o futebol é coisa
de Deus.*

(O Homem e a Bola, p. 67)

Bem-vindo o anjo
que escolheu
para ensinar aos
homens que o
futebol é coisa
de Deus.
(O Homem e a
Bola, p. 67)

Da conclusão

O material examinado revelou os traços do discurso jornalístico e literário confirmando o hibridismo do gênero crônica.

Para situarmos a crônica de futebol como subgênero, a teoria de Carlos Reis, torna-se instrutiva. Ao tratar da

questão dos subgêneros narrativos do domínio do romance, esse autor ressalta, entre as opções temáticas, a configuração do estatuto do narrador como um dos elementos passíveis de definição de subgênero. Julgamos procedente aplicar os mesmos procedimentos para o gênero crônica, o que nos possibilita dividir a crônica quanto à opção temático-ideológica, em policial, de humor, de futebol etc.

Entender que a crônica de futebol se constitua em subgênero apenas pela escolha temática parece-nos uma conclusão por demais redutora, além do que estaríamos neutralizando o papel especial do narrador dessa crônica que é o que a leva, na verdade, à condição de subgênero. Sua opção temática - dado o assunto que contempla - contratação do jogador, desempenho do time, calendário do campeonato, torcidas organizadas, etc. - nos faria supor um percurso assinaladamente referencial, pendendo a crônica do futebol para a vertente jornalística. Mas o cronista ao reordenar o real, o faz, sob o signo da poesia, ressaltando-se seus aspectos literários. "Graça, leveza e elegância, criação poética, ritmo e musicalidade" é a fórmula do poeta Thiago de Mello (no **O Homem e a Bola**) para explicar a prosa estética de Nogueira.

O Nogueira - autor sonha e quer e a "obra nasce" e nela o narrador, entendido como autor textual. Inventado pelo autor empírico, este projeta naquele as inclinações ideológicas, éticas, culturais "que perfilha", materializadas nas escolhas lingüísticas, constitutivas do texto. Idéias e sentimentos enformados pela linguagem, fio entrelaçado na coisa-objeto e no pensamento desejo. Ato humano feitos atos de linguagem.

Os resultados de nossa análise indicam a presença de metáfora "alma esférica", ao flagrar o carioca sem samba e sem futebol, a paródia intertextual com Castro Alves, a analogia bola-Deus, por conta da esfericidade de ambos - expedientes estéticos de criação do narrador.

A analogia
bola-Deus,
por conta da
esfericidade
de ambos -
expedientes
estéticos de
criação do
narrador.

A crônica de futebol traz em seu bojo elementos engendrados sob os auspícios da poesia - elementos surpresa, contrariando a expectativa do leitor.

Construída, assim, às avessas, a crônica de futebol constitui-se num subgênero.

Torna-se oportuno ainda mencionar o aproveitamento do gênero crônica, no panorama das letras brasileiras.

Explicar o sucesso atual desse gênero, remete-nos, de antemão, a alguns posicionamentos tomados pelos escritores do modernismo. Numa tentativa de exorcizar os estereótipos europeus para edificar uma cultura genuinamente brasileira, retomam a carta-crônica de Caminha para dela fazer um atestado de batismo, símbolo da identidade nacional. Se a dessacralizam - como convinha ao ideário da época - por outro lado, oficializam-na como documento literário.

O mais de um século de cultivo da crônica no Brasil fez dela uma fórmula que, redimensionada, pelas veias sensíveis dos nossos bardos cronistas, se ofereceu como "modelo de escritura" para os escritores. Por isso, há que se mencionar os estudos de Roberto Schwarz sobre a obra de Machado de Assis. Segundo o crítico, a volubilidade da narrativa dos romances machadianos da segunda fase deve-se à presença do folhetista que aprendeu a bisbilhotar a vida e a flagrar a história.

Semelhantemente, Sonia Brayner, ao estudar as crônicas de Machado confirma: "A obra machadiana de muito se beneficiou desse texto transacional que é a crônica, pois valeu-se dela como campo de provas para toda a espécie de experimentação dos limites do narrar." (Brayner: 1992: 413)

Arriscaríamos a dizer que a crônica é um gênero-síntese, instituída e instituidora. Dentro dessa perspectiva, a crônica de futebol como subgênero híbrido retrabalha as características gerais da crônica, assumindo as particularidades mencionadas acima e que estão no cerne de sua constituição.

Ela se constrói, a partir de um fato, de um real. O suporte imprescindível para sua concepção. O cronista-repórter faz dele pretexto de outro texto comprometido com um trabalho lingüístico de efeitos estéticos, o cronista poetiza a crônica cuja temática - o futebol -, à luz do universo antrope-social do leitor, demanda essa esteticidade.

Mas o leitor, ao mesmo tempo, ávido pela magia do espetáculo, traduzida em palavras, não quer perder de vista as miudezas, as bisbilhotices do "show". E, o cronista a ele se remete, poeta e repórter, diuturnamente, refazendo a vida de palavra a palavra, de gol a gol.

BIBLIOGRAFIA

- AGUIAR E SILVA, Vitor Manuel. **Teoria da Literatura**. Coimbra, Almedina, 1968.
- ANTELO, Raul. João do Rio = Salomé, in **A Crônica: O Gênero, sua Fixação e suas Transformações no Brasil**. Campinas, Editora da Unicamp, 1992.
- ARRIGUCCI, David Jr... "Fragmentos sobre a Crônica." in : **Enigma e Comentário; Ensaio sobre literatura e experiência**. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.
- BENDER, Flora & LAURITO, Ilika. **Crônica, História, Teoria e Prática**. S.P., Scipione, 1993.
- BENJAMIM, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**. S.P., Brasiliense, 1995.
- BRAYNER, Sonia, **Machado de Assis, um cronista de quatro décadas**, in **A Crônica, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas, Unicamp, 1992.
- CAMPOS, Haroldo de. **Ruptura dos Gêneros na Literatura Latino-americana**. S.P., Perspectiva, 1977.
- CÂNDIDO, Antonio. A Vida ao Rés-do-chão, in **a Crônica, sua Fixação e suas Transformações no Brasil**. Campinas, Edit. da Unicamp, 1992.
- CASTRO ALVES. **Os Escravos**. Rio de Janeiro, Edições de Ouro.
- DIMAS, Antonio. **Ambiguidade da Crônica: Literatura ou Jornalismo?** Revista Létera nº 12, ano IV, S.P., Grifo Edições, 1974.

A crônica de futebol traz em seu bojo elementos engendrados sob os auspícios da poesia.

- DINES, Alberto. **O Papel do jornalismo: uma releitura**, S.P. Summus Edit, 1986.
- FARIA, João Roberto. **José de Alencar: Folhetins Dispersos**. Boletim bibliográfico da Biblioteca Mário de Andrade, volume 46, dedicado à crônica, Secr. Munic. da Cultura.
- LAGE, Wilson, **A Linguagem Jornalística**, S.P. Ática, 1986.
- LEFEBWE, Maurice Jean. **Estrutura do Discurso e da Narrativa**. Coimbra, Almedina, 1975.
- LEPECKI, Maria Lúcia. **Da Crônica como Gênero**. Revista Seara Nova, Lisboa, 1973.
- LIMA, Alceu Amoroso. **O Jornalismo como Gênero Literário**. S.P., Edusp, 1990.
- LIMA, Luiz Costa, **Teoria da Literatura em suas Fontes**. Rio De Janeiro, Francisco Alves, 1983.
- LINHARES, Temístocles, **Situação da crônica**, Suplemento Literário OESP, 16/02/63.
- LOPES, Ana Cristina M. & REIS, Carlos. **Dicionário de Narratologia**, Coimbra, Almedina, 1987.
- _____. **Dicionário de Teoria da Narrativa**, S.P. Ática, 1988.
- MEDINA, Cremilda. **Notícias, um Produto à Venda**. S.P., Summus Editorial, 1988.
- MOISÉS, Massaud. **A Criação Literária**. S.P., Melhoramentos, 1979.
- REIS, Carlos. **O Conhecimento da Literatura: Introdução aos Estudos Literários**. Coimbra, Almedina, 1995.
- RONCARI, Luiz. **A Estampa da Rotativa na Crônica Literária**. Boletim Bibliográfico da Biblioteca Mário de Andrade, Secr. Munic. da Cultura, S.P. Volume dedicado à crônica.
- SÁ, Jorge de. **A Crônica**. S.P., Ática, 1992.
- SALOMON, Délcio Vieira. **Como Fazer uma Monografia**. Belo Horizonte, Interlivros, 1974.
- SATO, Nanami. **O Tempo da Crônica: o Jornal e a Escola**. Tese de Doutorado - USP, 1994.
- SCHWARZ, Roberto. **Um Mestre na Periferia do Capitalismo**, Machado de Assis. S.P., Livraria Duas Cidades, 1990.